

DESINFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: UM OBSTÁCULO À EFICÁCIA DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO DE DOENÇAS

ARRAES, Fernanda Caroline.¹
MARCHI DURIGON AHN, Fernanda.²
BARTH RADAELLI, Patrícia.³

RESUMO

O estudo aborda a problemática da desinformação e seus impactos na saúde pública, enfatizando as consequências da propagação de fake news e a importância de uma comunicação eficaz. Através de uma análise bibliográfica, é evidenciado que a disseminação de informações incorretas pode resultar em comportamentos prejudiciais à saúde, além de afetar a confiança da população nas instituições de saúde. O trabalho também destaca a responsabilidade das plataformas digitais na circulação de conteúdos e a relevância da educação em saúde como estratégia para capacitar os cidadãos a discernir informações verdadeiras de falsas. Conclui-se que é essencial promover uma abordagem multidisciplinar que envolva a colaboração entre profissionais de saúde, comunicadores e educadores para enfrentar a desinformação e construir uma sociedade mais informada e resiliente.

PALAVRAS-CHAVE: Desinformação, Saúde pública, Fake news, Comunicação em saúde, Educação em saúde

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as redes sociais emergiram como uma das principais plataformas de comunicação e informação, influenciando a maneira como as pessoas acessam e compartilham conteúdos. Com a crescente disseminação de informações, no entanto, também surgiu um fenômeno preocupante: a desinformação. Caracterizada pela propagação de informações falsas ou enganosas, a desinformação pode criar um ambiente de confusão e desconfiança, especialmente em questões relacionadas à saúde pública. Em um contexto onde decisões informadas são cruciais para a prevenção de doenças, a presença de informações equivocadas pode desviar a atenção das mensagens corretas e comprometer a eficácia das campanhas de conscientização.

As campanhas de prevenção de doenças dependem fortemente da disseminação de informações precisas e confiáveis. Entretanto, a desinformação pode levar à adoção de comportamentos prejudiciais, como a recusa em se vacinar ou a prática de métodos não comprovados de tratamento. Além disso, a rapidez com que as informações se espalham nas redes sociais dificulta a correção de equívocos. Quando informações falsas se tornam virais, elas podem

¹Fernanda Caroline Arraes. E-mail: fcarraes@minha.fag.edu.br

²Fernanda Marchi Durigon Ahn. E-mail: fmdurigon@minha.fag.edu.br

³Patrícia Barth Radaelli. E-mail: patriciaab@fag.edu.br

ofuscar dados científicos e recomendações de especialistas, criando um cenário em que a desinformação prevalece sobre a verdade. Isso não apenas prejudica a saúde pública, mas também coloca em risco os esforços de profissionais de saúde e organizações dedicadas à prevenção de doenças.

Para enfrentar esse desafio, é fundamental implementar estratégias eficazes que promovam a literacia digital e ajudem o público a discernir informações confiáveis das enganosas. Iniciativas que incentivem a verificação de fatos, parcerias com influenciadores digitais e o uso de campanhas de comunicação direcionadas podem ser eficazes na luta contra a desinformação. Além disso, as organizações de saúde devem se adaptar à dinâmica das redes sociais, utilizando essas plataformas para disseminar informações corretas de maneira acessível e atraente. Somente assim será possível proteger a eficácia das campanhas de prevenção e garantir que a população receba as orientações necessárias para manter sua saúde e bem-estar.

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa bibliográfica como principal método de coleta de dados. A seleção das referências foi feita com base em artigos acadêmicos, relatórios de instituições de saúde e publicações relevantes sobre o tema da desinformação e seus impactos na saúde pública. Foram analisados os trabalhos de Anjos, Casam e Maia (2021), a Fundação Oswaldo Cruz (2020) e Henriques (2018), com o objetivo de identificar os principais pontos abordados em relação às fake news, suas consequências e as estratégias de comunicação e educação em saúde.

A análise dos dados foi realizada por meio de uma leitura crítica e interpretativa das fontes selecionadas. O foco foi examinar as relações entre a desinformação, a saúde pública e a formação de cidadãos críticos. Os autores foram avaliados quanto à profundidade das discussões apresentadas e à relevância das propostas sugeridas para mitigar os efeitos da desinformação. Também foi considerada a contextualização das informações no cenário atual, especialmente em tempos de epidemias e pandemias, para entender como a desinformação pode influenciar o comportamento da população.

Para complementar a pesquisa bibliográfica, foram realizadas análises de documentos e materiais educativos disponibilizados por instituições de saúde e organizações não governamentais. Esses materiais foram revisados para identificar as estratégias adotadas na comunicação de informações sobre saúde e como essas iniciativas abordam a questão da desinformação. A análise

buscou compreender a eficácia dessas abordagens e sua capacidade de engajar a população em práticas de verificação de informações.

A triangulação das informações obtidas através da pesquisa bibliográfica e da análise de documentos permitiu uma compreensão mais ampla das dinâmicas de comunicação em saúde e das barreiras enfrentadas na luta contra a desinformação. Essa metodologia possibilitou a elaboração de recomendações práticas para a promoção de uma comunicação eficaz em saúde, contribuindo para a formação de uma população mais crítica e informada sobre a importância da verificação de informações em tempos de crise.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A desinformação nas redes sociais representa um desafio significativo para a saúde pública, especialmente em um contexto de epidemias e pandemias. A propagação de fake news sobre doenças, tratamentos e vacinas pode levar a consequências graves, como a hesitação vacinal e a adoção de práticas prejudiciais à saúde. Anjos, Casam e Maia (2021) destacam que a disseminação de informações falsas impacta diretamente a saúde da sociedade, gerando desconfiança nas orientações das autoridades de saúde. Esse fenômeno é amplificado pelo uso massivo das redes sociais, onde informações podem ser compartilhadas rapidamente e sem verificação de sua veracidade.

O estudo da Fundação Oswaldo Cruz (2020) reforça a ideia de que a desinformação não é apenas uma questão de inverdades isoladas, mas uma crise que afeta a saúde pública de maneira sistêmica. As fake news podem criar um ambiente de incerteza e medo, levando a população a adotar comportamentos que não apenas prejudicam a sua saúde individual, mas também comprometem a saúde coletiva. Assim, as campanhas de prevenção de doenças enfrentam um obstáculo enorme, pois precisam não apenas informar, mas também desmentir narrativas enganosas que circulam nas redes.

Henriques (2018) aborda a questão da desinformação em contextos de surtos de doenças, como a febre amarela, e argumenta que a falta de informações precisas pode contribuir para uma "dupla epidemia". A combinação de uma doença real e a propagação de informações falsas pode agravar a situação de saúde pública, dificultando a resposta adequada das autoridades. Por exemplo, durante surtos, a hesitação em buscar tratamento ou vacinas pode ser exacerbada pela circulação de

notícias alarmantes ou enganosas, que distorcem a realidade sobre os riscos e benefícios das intervenções de saúde.

A eficácia das campanhas de saúde pública depende da confiança que a população deposita nas informações fornecidas pelas autoridades. Anjos, Casam e Maia (2021) argumentam que a criação de estratégias de comunicação que visem esclarecer e educar a população é fundamental para combater a desinformação. A transparência e a consistência na comunicação são aspectos essenciais para restaurar a confiança, uma vez que a falta de clareza pode levar a mal-entendidos e a um aumento da desinformação.

Além disso, a formação e capacitação de profissionais de saúde e educadores é crucial para a disseminação de informações corretas. Iordan e Massi (2018) discutem a importância do papel do tutor na educação online, que pode ser aplicado no contexto de saúde pública. Os tutores, ao atuarem como orientadores, podem ajudar a esclarecer dúvidas e promover uma compreensão mais profunda sobre as informações de saúde, contribuindo para a formação de um público mais crítico e consciente.

A colaboração entre diferentes setores da sociedade é outra estratégia importante para enfrentar a desinformação. A Fundação Oswaldo Cruz (2020) sugere que parcerias entre governos, organizações não governamentais, plataformas de mídias sociais e a sociedade civil podem resultar em campanhas mais eficazes. Essa colaboração pode incluir ações de monitoramento de informações, desenvolvimento de conteúdos educativos e promoção de iniciativas que incentivem a verificação de fatos, ajudando a criar um ambiente de informação mais saudável.

Por fim, a alfabetização midiática e a promoção do pensamento crítico são essenciais para capacitar os cidadãos a discernir entre informações verdadeiras e falsas. Anjos, Casam e Maia (2021) enfatizam que a educação em saúde deve incluir ferramentas que permitam às pessoas avaliar criticamente as informações que encontram nas redes sociais. Ao fortalecer a capacidade da população de questionar e verificar informações, é possível reduzir os impactos negativos da desinformação, favorecendo um ambiente mais seguro e saudável para todos. Assim, o combate à desinformação se torna uma responsabilidade coletiva e uma necessidade urgente para a promoção da saúde.

3. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A análise dos dados coletados por meio da pesquisa bibliográfica revela que a desinformação, especialmente em contextos de saúde pública, pode ter consequências devastadoras. Estudos como os de Anjos, Casam e Maia (2021) destacam que a propagação de fake news pode levar a comportamentos de risco, como a recusa em tomar vacinas ou a adoção de tratamentos não comprovados. A disseminação de informações incorretas não apenas compromete a saúde individual, mas também afeta a saúde coletiva, gerando desconfiança nas instituições de saúde e dificultando a implementação de políticas públicas efetivas. Essa relação entre desinformação e comportamento social é um ponto crucial que merece ser discutido, pois evidencia a necessidade de uma comunicação transparente e eficaz por parte das autoridades de saúde.

Outra questão importante levantada na análise é a responsabilidade das plataformas digitais na disseminação de informações. A pesquisa mostra que a maioria das fake news se espalha rapidamente por meio das redes sociais, onde a falta de regulação e verificação de fatos permite a circulação de conteúdos enganosos. A Fundação Oswaldo Cruz (2020) enfatiza a necessidade de uma colaboração entre governos, plataformas digitais e organizações da sociedade civil para desenvolver estratégias que combatam a desinformação. Isso inclui a implementação de medidas que incentivem a verificação de informações e a promoção de conteúdos confiáveis. A discussão sobre a responsabilidade digital é fundamental, pois envolve questões éticas sobre a proteção da saúde pública e a necessidade de garantir um espaço seguro e informativo nas redes sociais.

Além disso, a análise das estratégias de comunicação de saúde revela que a educação é uma ferramenta essencial para combater a desinformação. De acordo com Henriques (2018), programas de educação em saúde que promovem a alfabetização midiática são eficazes na capacitação da população para identificar informações falsas. A promoção de campanhas educativas que enfatizem a importância da verificação de informações pode empoderar os cidadãos, tornando-os mais críticos em relação às mensagens que recebem. Essa abordagem não apenas fortalece a capacidade de resistência à desinformação, mas também contribui para a formação de uma sociedade mais informada e engajada em questões de saúde pública.

Por fim, a análise sugere que uma abordagem multidisciplinar é necessária para enfrentar o problema da desinformação. A colaboração entre profissionais de saúde, comunicadores, educadores e pesquisadores pode resultar em estratégias mais eficazes. A integração de diferentes perspectivas e conhecimentos pode enriquecer as iniciativas de comunicação e educação em saúde, tornando-as mais acessíveis e impactantes. Assim, a promoção de um diálogo intersetorial é crucial para desenvolver soluções que não apenas combatam a desinformação, mas também fortaleçam a

confiança da população nas informações de saúde, contribuindo para a melhoria da saúde pública como um todo.

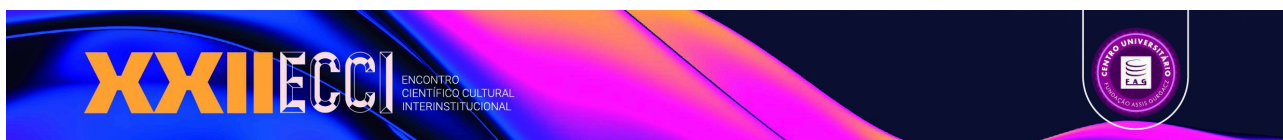
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo ressaltou a importância de compreender a desinformação como um fenômeno complexo que afeta diretamente a saúde pública. A análise das fontes bibliográficas e documentos relevantes demonstrou que a propagação de fake news pode ter consequências graves, influenciando comportamentos individuais e coletivos, o que pode comprometer a eficácia das políticas de saúde. A necessidade de um combate à desinformação torna-se ainda mais urgente em tempos de crises sanitárias, onde a confiança nas informações divulgadas é crucial para a adesão da população a medidas de prevenção e tratamento.

As discussões realizadas evidenciam que a responsabilidade na disseminação de informações não recai apenas sobre os indivíduos, mas também sobre as plataformas digitais e as instituições de saúde. A colaboração entre esses atores é fundamental para desenvolver estratégias que garantam a circulação de informações precisas e confiáveis. A implementação de políticas que promovam a verificação de fatos e o combate à desinformação nas redes sociais é uma medida necessária para proteger a saúde pública e fortalecer a confiança da população nas informações de saúde.

Outro ponto crucial abordado é a relevância da educação em saúde como uma estratégia eficaz para capacitar os cidadãos a discernir informações verdadeiras de falsas. Investir em programas de alfabetização midiática e em campanhas educativas pode empoderar a população, tornando-a mais crítica e ativa na busca por informações de saúde. Essa abordagem não apenas contribui para a formação de cidadãos mais informados, mas também fortalece a resiliência social diante da desinformação.

Por fim, é evidente que a luta contra a desinformação requer uma abordagem multidisciplinar e intersetorial. A união de esforços entre profissionais de saúde, educadores, comunicadores e pesquisadores é essencial para o desenvolvimento de soluções integradas e eficazes. Somente por meio de um diálogo aberto e colaborativo será possível enfrentar os desafios impostos pela desinformação e promover um ambiente de saúde pública mais seguro e confiável. Assim, este estudo contribui para a reflexão sobre a necessidade de ações coordenadas e estratégicas na promoção da saúde e no combate à desinformação.



REFERÊNCIAS

- Anjos, A.S.M., Casam, P.C., & Maia, J.S. 2021. **As fake news e seus impactos na saúde da sociedade**. Pubsáude, 5, a141.
- Fundação Oswaldo Cruz. Gerência Regional de Brasília. **Fake news e saúde / Fundação Oswaldo Cruz, Gerência Regional de Brasília** - Brasília, DF: Gerência Regional de Brasília, 2020.
- Henriques, C. M. P. (2018). **A dupla epidemia: febre amarela e desinformação**. Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde, 12(1).
- IORDAN, Marcelo; MASSI, Luciana. **Formação e atuação do tutor como orientador de pesquisa na educação on-line**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 20, n. 2, p. 495–517, 2018.